



Alessandra Munduruku

Onde tem a sombra de uma
árvore, está a escola de ativismo

 Pedro & João
editores

10 ANOS DE ESCOLA DE ATIVISMO
100 ANOS DE PRÍLIO FREIRE

Dez
por
Cento

Alessandra
Munduruku

**Onde tem a sombra
de uma árvore, está
a escola de ativismo**

Coleção Dez por Cento

Expediente

Esse conjunto de seis publicações chamada “DEZ POR CENTO” foi produzido pelo Núcleo de Educação, Invenções e Resistências - NEIr, da Escola de Ativismo.

Equipe Editorial

Alana Marquesini, Arthur Dantas Rocha,
Luísa Coelho, Luciana Ferreira da Silva,
Maria Teresa de Arruda Campos,
Mário Campagnani, Silvio Munari.

Identidade visual

Isabella Alves

Projeto gráfico e diagramação

Olivia Ferraz de Almeida

Transcrições

Ivan Rubens Dário Junior

Revisão

Arthur Dantas Rocha

Tiragem

500 exemplares

Editora

Pedro & João Editores

Escola de Ativismo

Rua Desembargador Eliseu Guilherme, 292
9º andar. Cep 04004-030, Paraíso, São Paulo/SP

Email

contato@eativismo.org

Copyright © Alessandra Munduruku

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Alessandra Munduruku

Onde tem a sombra de uma árvore, está a escola de ativismo.
Coleção Dez por Cento. São Carlos: Pedro & João Editores,
2022. 28p. 14,8 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-0105-4 [Impresso]
978-65-265-0128-3 [Digital]

1. Paulo Freire. 2. Educação. 3. Educação popular. 4. Ativismo. I.
Título.

CDD – 370

Capa: Olivia Ferraz de Almeida

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil);
Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/
Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir
Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil);
Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/
Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma
(UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).

Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2022



Em 2021 a Escola de Ativismo completou dez anos de vida. Por uma feliz coincidência, este também foi o ano em que se comemorou o centenário do nascimento de Paulo Freire. Para celebrar tal coincidência, a Escola de Ativismo promoveu a série de encontros chamada "Dez por Cento", convidando professoras e professores para pensar possíveis relações entre ativismo e educação.

Foram seis *lives*, que contaram com a participação de Romualdo Dias, Jorge Larrosa, Alessandra Munduruku, Madalena Freire, Silvio Gallo e Dyarley Vianna. Todas estas falas, disponíveis no canal do YouTube da Escola de Ativismo, foram transcritas, revisadas por suas autoras e seus autores, são agora publicadas em uma forma de livro, que você tem em suas mãos e diante de seus olhos.

Esta série de *lives* nos permitiu pensar diferentemente sobre as relações entre educação e ativismo. Ainda que Paulo Freire tenha sido o motor que dinamizou o processo, as companheiras e os companheiros trouxeram contribuições e perspectivas muito próprias. Com isso, pudemos ouvir um número elevado de referências, de práticas, de pensamentos que multiplicaram, e muito, as nossas referências, pensamentos e tem inspirado outras práticas. Os efeitos que produziram em nós podem ser lidos na sequência, no Manifesto Educação Popular Ativista.

Manifesto Educação Popular Ativista em permanente construção

A escola do Fora e o fora da Escola

Mundo é tempo

refletir não é ativar.

Nós afirmamos que meio ambiente é aqui e agora, é por inteiro e não pela metade.

Amor ao mundo é estudo e disciplina

é fora da escola, é escola do fora.

É guerreira por dentro, e estratégica por fora.

Aprendiz por dentro, educadora por fora.

Uma escola que se faz com e não para

Com a imagem do rio que ensina pela correnteza, sob força de arrasto, do sobe e desce piracema.

Mas

atuação sem parada não existe, é bom lembrar...

dar-se tempo!

Tempo para notar, que cada pessoa é um mestre, educador, educadora

Caminhamos lado a lado nos ensinando mutuamente, como um agogós

Educação que se dá pelo contágio dos corpos.

Educação mundo estudo reflexão tempo planejamento registro amor desejo
militância ativismos luta distância desaceleração paisagem ação direta cuidado
estratégia aprendizagem alteridade autogestão autonomia e tantas outras palavras
definem nosso modo de fazer educação e ativismos.

A escola do fora, o fora da escola.

Educar é ato de amar

Educador guerreiro?

Identidade para nos situar e não para nos situar.

Mangue - porção de rio com água salobra

ler o movimento das marés. Para quê?

Para surfar a melhor onda, pra entrar no momento certo, e agir!

Onde está a riqueza?

No mangue

na cachoeira

no estuário

no oceano

no rio

na floresta

nas pedras

no igarapé

no sertão

na areia

O progresso é caminhar em direção à origem

Paralizaremos os corpos se mutilarmos a natureza

Aniquilaremos os corpos se não frearmos a matança do clima.

Uma antena de wi-fi enterrada na lama ou navegando em uma canoa?

Warriors e todas as gangues

estão debaixo das árvores conosco.

Lousa-mesa se deslocando o tempo todo

no sobe e desce piracema

A Escola do fora, o fora da escola.

Para assistir
as *lives* do
DezporCento
acesse o
QRCode



<https://escoladeativismo.org.br/dez-por-cento-10-anos-de-escola-de-ativismo-100-anos-de-paulo-freire>

Esta conversa entre

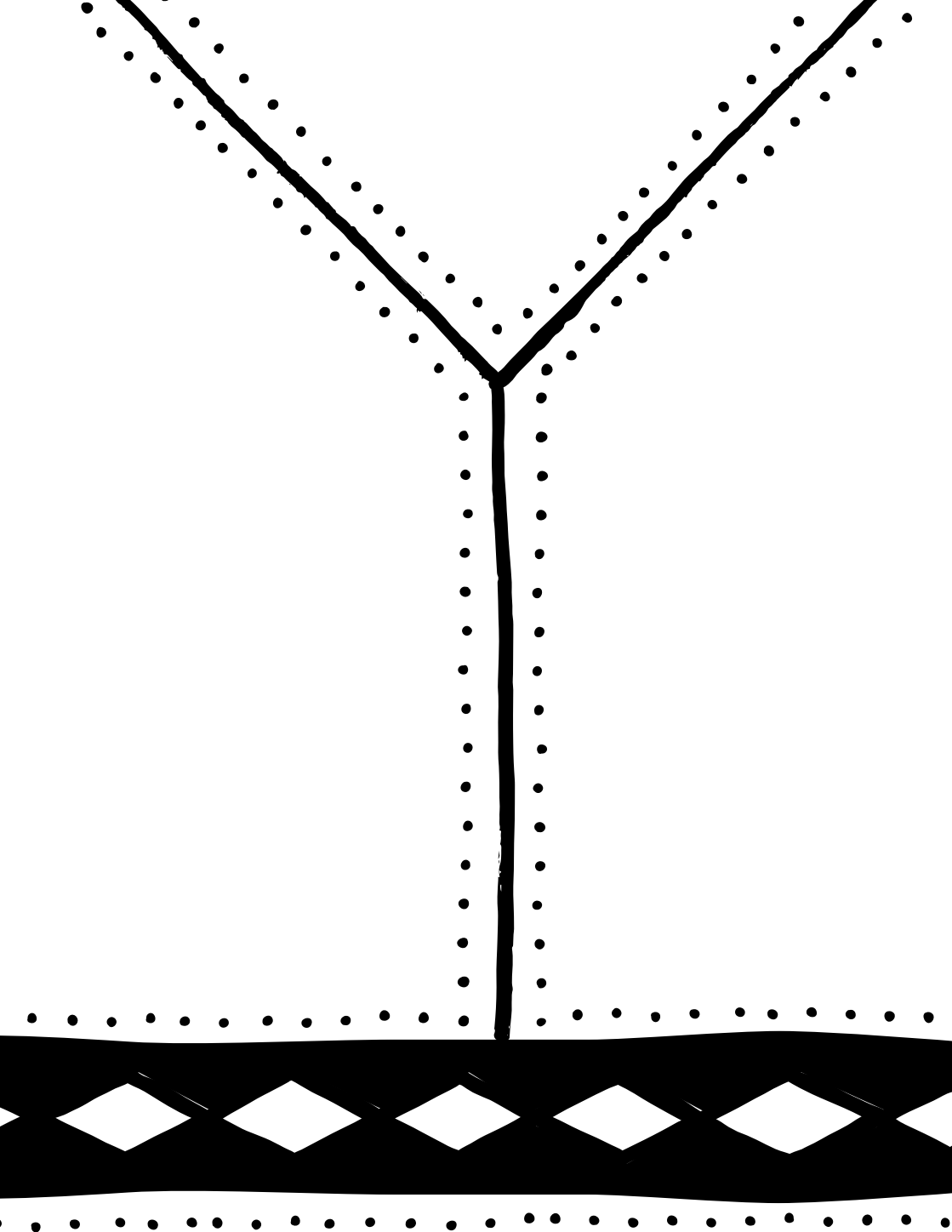
**Luciana
Ferreira**

e

Alessandra
Korap
Munduruku¹

aconteceu na beira do rio
Tapajós, no estado do Pará.

¹ Alessandra Korap Munduruku é líder guerreira do povo Munduruku.



LUCIANA FERREIRA “O planeta é único, mas quem defende somos nós. E querem nos destruir, destruir o nosso território. A mãe Terra quer que a gente cuide dela”. Você tuitou isso perto do dia 6 de novembro de 2021, um pouco antes da sua participação na COP² 2021. Como foi essa experiência? O que você viu lá de interessante?

ALESSANDRA MUNDURUKU

Luciana, fico muito agradecida e honrada por participar da Escola de Ativismo, a escola que faz debaixo das árvores, que se aprende embaixo das árvores ou até mesmo na rua. Isso é muito importante para quem não conhece os povos.

Foi minha primeira participação numa COP. Fui convidada pela COIAB³, fomos em mais de 40 indígenas da APIB⁴, e nós tomamos conta da COP. A mulherada estava em peso lá falando do território, falando do meio ambiente. Porque é uma discussão sobre o clima, mas parece que eles não querem a presença dos povos indígenas apesar de sermos nós indígenas que estamos defendendo o meio ambiente no dia a dia. Hoje está essa maravilha aqui [aponta ao redor mostrando a paisagem da beira do rio Tapajós], esse vento, esse rio, essa floresta, [isso tudo] é porque nós estamos lutando para não construir uma barragem, para não construir uma hidrelétrica, para não construir uma hidrovía, uma ferrovia, não passar a estrada, ponte de concreto, mineração. Hoje essa natureza só está viva por conta [da luta] dos povos indígenas.

2 A Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. Foi a 26ª conferência das partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, realizada entre 1 e 12 de novembro de 2021, na cidade de Glasgow, Escócia.

3 A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira. coiab.org.br

4 Articulação dos povos indígenas do Brasil. <https://apiboficial.org/>

As pessoas que estão na cidade querem vir para um lugar como este para passar as férias, mas se esquecem de que para ter um lugar assim, tem gente lutando para mantê-lo e, por lutar contra as coisas que eu falei acima, estamos sofrendo ameaças. Essa luta exige muitas vezes sair da aldeia e ir até Brasília lutar contra os projetos de lei que, se aprovados, significam destruir este lugar onde as pessoas querem passar umas férias na floresta, nos rios. Isso é lutar contra os projetos que vão afetar tais territórios.

Isso porque alguns projetos de lei, se aprovados, vão exterminar os povos indígenas. É o caso da PL 490 conhecido como Marco Temporal, e a tentativa de retirada da Convenção 169⁵. Muita gente que quer passar suas merecidas férias aqui nesses paraísos de beleza não sabe disso, não sabe das ameaças que os territórios estão sofrendo e muito menos das ameaças que nós estamos sofrendo por defender nosso território. E essa COP foi isso: governantes e empresas discutindo sobre o meio ambiente sem os povos indígenas, sem quilombolas, sem pescadores, sem ribeirinhos, sabe pra que? Pra fazer negócio! Para eles, o que interessa é o lucro. Eles falam: “vamos dar dinheiro para índio, pra proteger”. Mas a gente faz proteção sem pedir nada em troca. A gente quer é respeito, a gente quer demarcação (das terras indígenas). A gente quer que retirem os invasores do nosso território. É isso que sempre nós pedimos.

Mas as empresas e o governo acham que nós queremos dinheiro. Mas, o que dinheiro vai trazer pra gente? Justamente eles querem estar ali discutindo a nossa vida, mas também querem tirar foto e dizer que estão com os indígenas. Gente que odeia índio, que

5 A Convenção N° 169 baseia-se no respeito às culturas e aos modos de vida dos povos indígenas e reconhece os direitos deles à terra e aos recursos naturais, e a definir suas próprias prioridades para o desenvolvimento.

está querendo todos os projetos de morte para o nosso território, chegar lá na COP e dizer: “estou com os indígenas, vou ajudar o meio ambiente”, que em 2030, 2050 vai estar tudo bem. O que!? Tem que ser agora! Tem que ser para ontem!

Povos indígenas estão sofrendo há mais de 521 anos e nunca deixamos de resistir. A gente está resistindo, persistindo, nunca fomos de recuar, sempre tá aí. Nossa história é de luta e de resistência a esse modelo que só pensa em dinheiro, que só pensa no lucro. Proteger o meio ambiente com dinheiro? Conversa...

Então nossa luta passa também pela educação. Uma educação não só para o nosso povo, mas também para os povos que não entendem isso que estamos passando, porque muita gente acha que só aprende quando você ouve uma professora no quadrado da sala de aula. Mas não: você aprende com uma criança, você aprende com um cacique, com um pajé, com quilombolas, ribeirinhos, porque eles conhecem aonde nasceram os pássaros, o que eles comem, qual época do ano eles estão ali. Além de grandes professores, são eles que estão ali defendendo o meio ambiente todos os dias. Defendendo esse ar que nós respiramos, que os cachorros, os pássaros, as plantas, que todos os seres vivos respiram. A mesma coisa com a água porque todo mundo precisa de água, as plantas, os peixes, os bichos, os bois, a gente... Então, nós indígenas, estamos cuidando disso, estamos lutando pela vida incluindo a nossa vida também.

Nós indígenas ocupamos a COP e nos fizemos ouvir. Foi um passo importante, mas precisa fazer muito mais. Não é só a COP que vai resolver porque tem que resolver depois da COP, tem que resolver agora, portanto temos que lutar todos os dias. A gente está vendo os parentes Yanomami com malária, os Munduruku com desnutrição e sem água potável. Qual a educação que nós vamos dar para os nossos jovens e nossas crianças?

LUCIANA FERREIRA

No que eu percebi da sua fala, você apresentou um sentido para educação.

Então eu te pergunto: o que é educação para você?

ALESSANDRA MUNDURUKU

A educação começa quando os meus pais já me ensinam. A educação vem quando os meus avós estão me ensinando a respeitar desde criança. Os mais velhos nos ensinam a ouvir, nos ensinam a obedecer, mas nos ensinam a ser rebeldes também. Educação para mim é mais ou menos isso... Quando eu me sento com pajé, quando eu me sento com o outro parente, quando eu sento perto da minha mãe, perto da minha vó, então eu já estou aprendendo. Veja que não estou falando de um quadrado, não estou falando em decorar, não estou falando de um papel, um diploma que certifica o que você aprendeu. Será que aprendeu mesmo?

Eu aprendo muito fora do quadrado. Aprendo numa reunião com os quilombolas, aprendo com os parentes, aprendo muito com meu povo. Eu aprendo com vocês e vocês aprendem com o meu povo. Estamos aprendendo...

Estou ensinando quando falo com as crianças, e as crianças estão me ensinando. Dia desses eu perguntei: o que é que o garimpo traz de ruim para o nosso povo? E elas dizem que está sujando o nosso rio, que está fazendo muito lixo. As crianças sabem dessas coisas porque estão sendo educadas, elas estão adquirindo conhecimento na luta do dia a dia. E esse conhecimento está passando. Muitas vezes a gente quer tampar o ouvido para não ouvir as crianças, mas as crianças têm muito a ensinar também.

LUCIANA FERREIRA

Em 2016/2017, eu conheci a guerreira Alessandra Munduruku, aquela que vai na frente, lutando contra as hidrelétricas projetadas para o rio Teles Pires. Os Munduruku são conhecidos como grandes guerreiros. Hoje você circula por muitos territórios, muitos países, um dia está no STF⁶, no outro dia está na Câmara dos Deputados, depois na universidade, e circula por muitas aldeias. Hoje você se sente mais guerreira ou mais educadora?

ALESSANDRA MUNDURUKU

Sou educadora quando estou fora do meu território. Mas quando estou dentro do meu território, sou guerreira. Eu não educo ninguém, não: são os parentes que me educam. Eu sozinha não vou ensinar, nós vamos nos reunir para aprender e para lutar porque ser guerreira é para defender o território. Se não lutamos como guerreiras, eles colocam barragem no nosso rio, eles destroem a floresta, eles nos expulsam da nossa terra, eles acabam com os povos indígenas. Então eu sou uma grande guerreira com o meu povo contra essas ameaças, mas sou

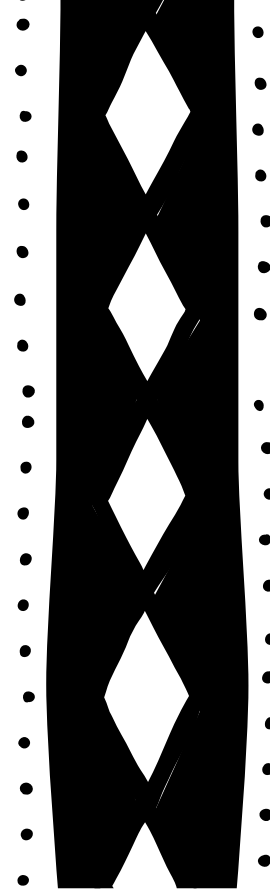
educadora quando estou fora. Muitas vezes eu dou aula para juízes, procuradores, professores, para parentes, para universidade, mas, a partir do momento que eu paro de falar, eu vou para a guerra com os guerreiros e as guerreiras em favor de nossa causa.

LUCIANA FERREIRA Não bastasse tudo isso, você está cursando a faculdade de Direito. Ocupar esse espaço da academia também é resultado de muita luta dos povos indígenas, dos quilombolas. Então fale um pouco dessa experiência no ambiente da universidade: como é Alessandra Munduruku estudante universitária?

ALESSANDRA MUNDURUKU

Como estudante é desafiador. Quando estou com meus parentes na reunião ou lutando, estamos defendendo o nosso território. Quando estou na universidade, estou trancada numa sala querendo aprender algo, decorar algo que venha do Direito. Quero aprender e passar a informação para meus parentes naquela linguagem técnica do Direito. Mas não está sendo fácil porque eu aprendo mais fora da universidade.

Fora da universidade eu também dou aula. Mas dentro da universidade, dentro da sala de aula é como se eu perdesse o meu sangue. Para conseguir ficar quieta lá, tenho que fazer de conta que nosso povo não tem problema. É porque meus parentes estão lá fora lutando e eu estou deixando os parentes lá, isso dói muito em mim porque a dor deles lá na luta é também a minha dor. Então como que eu vou ficar numa sala de aula vendo todos os ataques que os meus parentes, os meus vizinhos, são vítimas? Não posso



fazer de conta que está tudo bem! Eu tenho que sair da sala de aula e ir para lá lutar com eles por nossos direitos, tentar barrar uma hidrelétrica, tentar barrar uma ferrovia, tentar expulsar a mineradora. Na sala de aula é aprender o Direito, fora da sala de aula é lutar pela conquista dos direitos e é lutar para fazer valer o direito já conquistado. Muitos professores não entendem porque que o aluno sai da sua aula para fazer a luta com os parentes.

Não pensar nos parentes em luta e pensar só em mim, eu não consigo. Eu não consigo pensar só em mim. Eu quero estudar, mas está muito difícil ficar dentro da sala de aula enquanto o governo ataca os povos indígenas o tempo todo.

Eu falo para os professores: “se vocês quiserem me entender, se vocês quiserem também aprender, estou aqui, vocês sabem onde me encontrar”. Às vezes estou na aldeia, às vezes eu estou na Câmara, às vezes estou lá na marcha com as mulheres em luta pela vida, eu não vou deixar de lutar. Então, se vocês quiserem me encontrar, se quiserem mesmo, eu te ensino porque nós estamos lutando pelo direito. Sei que lei tem sigla, sei que lei tem técnica, e eu sei que eu tenho que aprender isso, mas ao mesmo tempo, eu não consigo aprender essas técnicas porque eu estou na luta, sou guerreira contra inimigos violentos. Esses inimigos tentam acabar comigo, me silenciar, me destruir por falar muito, por defender muito, mas eu não posso silenciar. Eu sempre falo para os meus filhos: “eu sinto muito, meus filhos, por tudo que vocês passam, mas eu preciso garantir o futuro para vocês, e para os seus filhos. Porque, se eu

morrer hoje ou amanhã, o território vai ser garantido, o rio vai ser garantido porque lutei, eu briguei defendendo o território. Eu não fugi da batalha e nem da guerra. Eu sinto muito vocês passarem por todo esse processo, essas questões de violência contra a gente, mas eu preciso lutar com meu povo nesse momento. Eu não posso fugir, eu preciso estar presente para salvar o nosso rio, salvar nosso povo, lutar pela demarcação da nossa terra, lutar por educação, saúde, água potável para o nosso povo”.

LUCIANA FERREIRA

Eu aprendi com o povo Munduruku que as crianças são criadas por toda aldeia. Quando uma criança está com fome, chora ou se machuca, a pessoa que estiver mais perto vai acudir mesmo não sendo da família. Na cidade não é bem assim. Fale um pouco desse jeito de educar as crianças nas aldeias Munduruku.

ALESSANDRA MUNDURUKU

A aldeia onde eu moro fica num município tomado pelo desenvolvimento, mas eu sempre tenho lugar pra ficar quando estou na cidade. Sempre tenho família, a minha mãe, meus tios, meu avô, meu sobrinho, filho de meu irmão, todo mundo se acolhe, todo mundo repara. Nas cidades eu percebo que o vizinho às vezes nem liga quando uma criança está chorando querendo comer, os não indígenas nem perguntam: cadê sua mãe? Cadê seu pai? Está com fome? Quer tomar um banho?

Eu acho que falta muito pro não indígena aprender o coletivo. Os não indígenas são individualistas. Quer comer uma manga? Tem que comprar. Quer comer uma banana? Tem que comprar. Quer comer um peixe? Tem que comprar. Na aldeia é muito diferente, na aldeia a

gente compartilha. Quando o meu filho pega dois peixes, um é para nós e o outro é para a avó ou para a tia. Se a minha mãe pega três peixes, uma é para ela e o outro é para a tia dela. Se a minha mãe dá dois peixes para a tia dela, a tia passa um peixe para a irmã e assim por diante. Então todo mundo fica com um pouco de peixe porque a comida é para alimentar o coletivo. Mas para os brancos, não.

Quando um não indígena tem, ele não quer dividir. Se tem demais e pensa em dar algo para outra pessoa não é na lógica da partilha, porque o capital não deixa pensar assim. O capital não deixa pensar no coletivo. Para o capital, tudo é individual. O não indígena é o povo do capital. Já os indígenas, não. O pensamento dos indígenas é coletivo. Quando a gente fala do território, do rio, da vida, a gente não está pensando só em si ou só em um povo, a gente está pensando no planeta todo.

A gente sabe que o planeta tem limite e que ele não vai aguentar tanta exploração. A gente sabe que o céu pode cair. Então, quem vai garantir a vida se o céu cair? A gente está aqui segurando o céu para todo mundo... Enquanto isso, tem gente brincando, estão rindo, se divertindo, e nós estamos aqui segurando o céu. E nós estamos chamando mais gente para segurar o céu. Enquanto isso, ficamos segurando, estamos segurando e chamando mais gente pra segurar esse céu. É isso que nós estamos fazendo, é isso que nós estamos construindo. Portanto, eu sou educadora pra fora, pra segurar o céu⁷ enquanto os parentes estão segurando o céu para não cair sobre as nossas cabeças.

7 Comentários na tela: “Educar para segurar o céu”, “precisamos segurar o céu!!”

LUCIANA FERREIRA

Isso também se dá na relação com a natureza. Você fala dos aprendizados oferecidos pela paisagem, vejo os indígenas fazendo leitura do rio, como o rio funciona, e vejo sua tristeza ao falar das agressões sofridas pelo Tapajós que tem mudado muito na Praia do Índio onde está sua aldeia. Fale um pouco dessa relação intensa com a natureza e dos aprendizados que ela traz para você.

ALESSANDRA MUNDURUKU

Esse é o rio Tapajós, uma das mães que sustenta a gente. Ele foi criado, foi aberto ali para jorrar aquela água limpa e vida para nós, mas, infelizmente, a ganância do homem, da mercadoria, tenta destruir nossas mães.

Eu olho e me pergunto:

o que o ouro tem de bonito? Eu não vejo nada de bonito, pelo contrário, eu vejo o ouro destruir a água, destruir o rio, destruir a floresta, trazendo doença porque o mercúrio está contaminando as mulheres, o mercúrio está contaminando os filhos da gente, o nosso povo está ficando doente. Isso é muito triste. Quando eu vejo uma draga furando lá no meio do rio e jorrando aquela lama para cima, eu não gosto nem de olhar. Porque a gente faz denúncia, mas a draga está lá como um monstro destruindo a mãe Tapajós. Mas eles nos dizem que isso é desenvolvimento. Desenvolvimento para quem?

O rio está chorando, ele está sofrendo muito. Se o rio sofre, nós também sofremos. O rio está pedindo ajuda, está dizendo: “você têm que fazer algo mais, você têm que ir atrás”. Muitas vezes o cacique, as mulheres, um pajé, um guerreiro, sai das suas aldeias

pra chegar até Brasília, chegar numa COP, chegar numa conferência mundial, a gente tem que sair porque a gente não pode morrer calado. É isso que o rio está ensinando a lutar, ele diz: saia! Saia porque vocês que dependem do rio vão sofrer ainda mais. Então a gente tem que sair e dizer o que está acontecendo com o nosso rio: o rio está pedindo socorro! O rio está pedindo socorro!!

Os meninos quando vão pescar, não conseguem mais pegar peixe. É muita tristeza: no meio da Amazônia que era para estar tudo verde, que era para estar com água cristalina, não tem mais peixe. Onde tem uma nascente, os homens da mercadoria enxergam o lucro, onde tem árvore, enxergam lucro, onde tem montanha, enxergam lucro. Botam máquina pra trabalhar e destroem tudo. A máquina cava e, para nós que vivemos do rio, fica a lama suja. Essa lama espalha no rio todinho, vai para o rio Tapajós e aquela água branca só aumenta. Eles querem achar o ouro, tem gente que fica feliz com ouro, mas eu fico muito triste porque estou vendo morte e destruição. Eu nem gosto de falar de ouro...

O rio é tudo pra gente. O rio é a fonte, é energia, comida, mas querem acabar com o rio. Agora que o governo federal já está anunciando fazer um reservatório no rio Tapajós, o que que vai ser isso? Território

Sawré Muybú vai ter que sair, comunidade Sawré Bap'in vão ter que sair porque isso aqui vai ser tudo alagado. Esse pessoal não tem ideia... Esse pessoal acha que defende o meio ambiente lá do escritório, defende o meio ambiente, mas joga lixo, defende o meio ambiente, mas faz coisas que degrada a natureza. Quem fuma e joga o cigarro em qualquer lugar, pensa que vai para onde?

Por isso entendo que educação não se faz apenas na sala de aula, educação se faz com as pessoas. Para falar do meio ambiente é preciso conhecer as realidades, é preciso enfrentar, ficar presente, colocar o pé no chão e dizer: "eu estou com ele, estou lutando". As mulheres estão fazendo a sua parte e agora eu estou com elas.

Minha terra está o tempo todo sob ameaça. Tem ameaça de plantador de soja, tem ameaça de madeireiro, tem ameaça de garimpeiro e meu povo luta todos os dias contra essas ameaças. Têm as ameaças que estão em Brasília também, tem ameaça pra todo canto. Tem inclusive apoiadores da luta indígena que fala, mas vai morar lá na Europa. Tem gente que diz: estou com vocês, vou apoiar vocês, mas na primeira oportunidade vai morar lá na Europa, enquanto que nós ficamos aqui lutando, aqui com nosso povo, com nossos filhos. E nós vamos continuar aqui lutando e defendendo. As pessoas têm que entender que meio ambiente não é só fachada, não. Defender o meio ambiente é estar aqui, presente, defendendo, lutando agora. A luta é permanente, não dá para descansar.

LUCIANA FERREIRA O ano que vem, 2022, será um ano importante para o Brasil. Qual a perspectiva dos povos indígenas para o ano que vem diante do governo atual que tenta se reeleger e diante desse modelo de desenvolvimento econômico?

ALESSANDRA MUNDURUKU

Nem todos os monstros estão soltos ainda, alguns estão escondidos ainda e atacando. Mas quando eles colocam um presidente louco lá, isso é ataque dos monstros. A gente precisa ter muita preparação...

A gente sabe que o presidente está tentando dividir cada vez mais os povos indígenas, está falando coisas que não são verdade. Por exemplo, ele fala que o Marco Temporal é só para os indígenas que não têm território, diz que precisa vender, arrendar, ter mineração, mas só ele sabe das artimanhas que ele está articulado pra entrar nas terras, pra invadir e atacar os indígenas.

Eu sei que essa eleição vai exigir muita luta, eu sei que essa eleição vai ter muita mentira também. Na eleição passada existiu muita mentira, na pandemia existiu muita mentira sobre a vacina contra a covid, então essa eleição exige muita preparação. Infelizmente, tem gente com a mente muito fraca e acaba acreditando nessas mentiras. Então tem que saber, tem que ter informação, tem que ir atrás de informação verdadeira.

A gente quer trabalhar com audiovisual, as meninas estão fazendo esse trabalho. Elas estão ali presentes no dia a dia e eu estou junto com elas, estamos com outras mulheres, estamos segurando e não vamos largar as mãos. Quem quiser somar vai ser bem-vindo na nossa luta.

LUCIANA FERREIRA A juventude Munduruku está fazendo uso das várias ferramentas da internet. A Sônia Guajajara costuma dizer que é preciso ocupar os territórios e ocupar as redes sociais. Como tem sido essa relação com as juventudes guerreiras, principalmente com as meninas guerreiras?

ALESSANDRA MUNDURUKU A Preta, por exemplo, começou com o audiovisual muito nova, era uma menininha quando começou acompanhar em 2014 a auto demarcação. A partir de um momento, ela disse que queria aprender, ela e outras meninas começaram a aprender... A moça que acompanhava começou a ensinar o audiovisual. E elas não pararam, estão aprendendo, já estão mexendo com drone e continuam aprendendo, querem fazer mais.

Eu fico muito feliz dessas meninas, elas querem saber mais, elas pesquisam, elas me perguntam. Às vezes eu estou deitada e elas começam a perguntar, falar, falar. Ontem mesmo eu estava falando do território Sawré Muybú para elas, e elas vinham me dando ideia, eu dando ideia. É isso que a gente começa a entender: as meninas hoje estão na juventude, estão preocupadas com o território e estão preocupadas com o seu futuro. Nós vamos ficar velhas e elas vão continuar nossa luta. E agora tem essa arma poderosa que é essa tecnologia do celular, drone, filmadora, GPS, foto, vídeo e tudo pode circular na internet.

LUCIANA FERREIRA Estávamos falando da educação e de ensino, estávamos falando de proteger o meio ambiente e o planeta. Nesse sentido, como você tem usado a internet?

ALESSANDRA MUNDURUKU Até me falaram para não usar Instagram ou Twitter por ser guerreira e do movimento. Mas por que não? Eu criei as contas e comecei a postar. As pessoas achavam que índio não precisa ter celular, que não precisa ter roupa, mas, quando chegaram aqui 521 anos atrás, o que deram pra gente? Deram roupa, Bíblia, espelho, um monte de coisinha assim... E não querem que a gente aprenda [a usar essas coisas]? A gente é muito bom para aprender, se a gente quer fazer uma coisa, os homens, as mulheres, as juventudes aprendem a fazer e fazem.

Eu não publico qualquer coisa, publico o que eu penso e o que eu sinto. Tem vez que eu não quero publicar nada porque a minha cabeça está vazia. Quando a cabeça está vazia, não é certo publicar. Tem gente que publica por besteira. Penso que a internet é pra gente dar informação, as pessoas do outro lado devem saber que existimos.

LUCIANA FERREIRA Quando você acorda de manhã e vai para mais uma batalha, uma audiência, ou mesmo fazer uma live, qual sua perspectiva de futuro para os povos indígenas e para o Brasil?

ALESSANDRA MUNDURUKU Primeiro eu espero um futuro em que a gente possa respirar. Espero que os invasores saiam do nosso território, espero que haja respeito com os povos indígenas, que as pessoas possam conhecer mais e melhor os povos indígenas, que haja mais informação sobre os povos indígenas. É preciso escutar mais os povos indígenas. Espero que os nossos filhos não sofram tanto, que os nossos filhos não sejam expulsos. Espero o Tapajós livre de barragens, que os rios corram livremente em seu curso natural. Isso é o que eu espero.

Eu queria viver até cem anos para ver as mudanças no meu território. Eu tenho 37 anos e já vi muita coisa mudando. Mas até 2015 eu não tinha ideia dos nossos direitos. Tudo foi chegando, massacrando, apertando e, a partir do momento que conhecemos nossos direitos, começamos a empurrar e a dizer: “aqui não!” A gente não vai morrer massacrado, amassado, sufocado aqui, não. Estamos lutando pela vida.

LUCIANA FERREIRA Vou repetir a pergunta do começo: o que é educação para você?

ALESSANDRA MUNDURUKU Educação é eu ensinando pra você e você ensinando pra mim. A gente aprende na beira do rio lavando roupa, na beira da estrada sentada esperando o ônibus, a gente aprende embaixo de uma árvore. A gente aprende junto, ensinando e aprendendo.

Educação é ter os ensinamentos da mãe, mas também é ensinar para a mãe. Essa é a educação para mim.



LUCIANA FERREIRA Que caminho você recomenda para esse coletivo Escola de Ativismo?

ALESSANDRA MUNDURUKU Eu diria para continuar trazendo mais pessoas porque a Escola é aprender debaixo de uma árvore, aprender ao ar livre, dentro do território enfrentando, fortalecendo nossa luta contra os ataques. Não é só pensar em dinheiro, mas é pensar em ajudar, em apoiar. Não se cobra educação, a gente está para ensinar e para aprender. A maior coisa é a educação eu e você, você e eu, essa alegria, essa é uma educação que dinheiro nenhum compra, mas que está ali no ativismo.





ESC OLA DE A TIVI SMO

.org.br



ISBN 978-65-265-0105-4

